



O CAMINHO NÃO TRILHADO multilíngue

Gratuito para fins educacionais

O CAMINHO NÃO TRILHADO multilíngue

Organização

Daniel Serravalle de Sá & Rafael Silva Fouto

Florianópolis

DLLE | CCE | UFSC

2025

FICHA TÉCNICA

Conselho Editorial

André Fiorussi
Carolina Pizzolo Torquato
Marcio Markendorf
Martha Júlia Martins de Souza
Matias Corbett Garcez
Ronaldo Lima
Rosvitha Friesen Blume

Design Editorial e Revisão

Emilene Lubianco de Sá

Capa

Inspirada na pintura de Vincent Van Gogh,
intitulada *Tuin van de inrichting Saint-Paul*
(*Het vallen van de bladeren*), 1889.

Organização

Daniel Serravalle de Sá & Rafael Silva Fouto

Núcleo Interdisciplinar de Estudos Góticos

Universidade Federal de Santa Catarina
Centro de Comunicação e Expressão
Bloco B. Sala 120.
Campus Universitário – Trindade
Florianópolis – Santa Catarina
88010-970

✉ d.serravalle@ufsc.br

☎ +55 (48) 3721-9455

FICHA CATALOGRÁFICA

Catálogo na fonte pela Biblioteca Universitária da Universidade Federal de Santa Catarina

C183 O caminho não trilhado : multilíngue / organização Daniel Serravalle de Sá. Rafael Silva Fouto. — Florianópolis : DLLE/CCE/UFSC, 2025. 53 p.

Obra multilíngue : inglês, francês, alemão, espanhol, italiano e português. Tradução de: The road not taken
ISBN 978-85-8328-396-6

1. Poesia americana — Traduções. 2. Literatura americana — Tradução e interpretação. 3. Frost, Robert, 1874-1963 — Crítica e interpretação. I. Sá, Daniel Serravalle de. II. Fouto, Rafael Silva

CDU: 820(73)-1

ÍNDICE

“The road not taken”, a história do poema e de suas traduções	7
Inglês	
The road not taken — Robert Frost, 1915	17
Francês	
La route que je n’ai pas prise — tradução de Alain Bosquet	19
La route non prise — tradução de Claude Neuman	21
Le chemin ne pas pris — tradução de Claudia Borges de Faveri	23
Alemão	
Die Qual der Wahl — tradução de Klaus Eggenesperger	25
Der Weg, den man nicht nahm — tradução de Markus J. Weininger	27
Der nicht gegangene Weg — tradução de Walter A. Aue	29
Espanhol	
El camino no tomado — tradução de Andrea Espada Vadillo	31
El camino no escogido — tradução de Martha Lucía Pulido Correa	33
El camino que no tomé — tradução de Meritxell Hernando Marsal	35
Italiano	
La strada non presa — tradução de Andrea Santurbano	37
La strada non presa — tradução de Marika Avezzi	39
La strada mai presa — tradução de Sergio Romanelli	41
Português	
A estrada não trilhada — tradução de Gisele Orgado	43
A via não tomada — tradução de Monique Pfau	45
A estrada não tomada — tradução de Walter Carlos Costa	47
Sobre as tradutoras e os tradutores	49

“The road not taken”, a história do poema e de suas traduções

Daniel Serravalle de Sá & Rafael Silva Fouto

A imagem de um caminho que se bifurca, metáfora central do poema “The road not taken”, transcende o âmbito da poesia estadunidense, ecoando de modo ubíquo em diferentes culturas e contextos. A encruzilhada no bosque, representada como um dilema de percurso, não é exclusiva de Robert Frost (1874-1963), vale notar, mas um signo de ressonância universal, pois remete à experiência da escolha. Desde as corriqueiras decisões cotidianas até aquelas capazes de moldar o futuro, em algum momento cada um de nós já se viu (e ainda se verá) diante de uma decisão pessoal e intransferível que, uma vez tomada, cabe somente seguir adiante. Os significados da bifurcação no caminho emergem justamente dessa construção simbólica, sendo reforçados poeticamente nos diferentes níveis do sistema linguístico — fonético, lexical e sintático.

De acordo com David Orr (2015), esse poema é um dos mais lembrados e celebrados nos Estados Unidos, sendo recorrente em discursos de formatura, cerimônias de casamentos e outras ocasiões solenes, mas também evocado em contextos mais prosaicos, como estampas em camisetas, canecas de café e até propagandas de carro. No entanto, Orr afirma que o poema é simultaneamente um dos mais incompreendidos, pois a maioria das pessoas concentra-se apenas em algumas de suas frases, deixando de perceber a ironia sutil na totalidade da composição. O famoso trecho “Escolhi o caminho menos trilhado, / e isso fez toda a diferença”¹ parece expressar a ideia de que a opção por um rumo menos convencional pode levar a um resultado significativo, mudando a direção de uma situação ou de uma vida. Todavia, o poema de Robert Frost não é uma mera celebração das escolhas feitas, mas um convite para refletir sobre as possibilidades contidas naquele outro caminho que não foi percorrido.

A voz lírica sugere que apenas em retrospecto é possível enxergar a teia complexa de nossas decisões, o peso do livre-arbítrio e as narrativas que construímos, seja para justificar, seja para lamentar nossas escolhas. Nisso reside a força desse simbolismo aparentemente simples, mas poderoso, do caminho bifurcado. Uma imagem poética que é aplicável aos mais diversos aspectos da existência humana e capaz de transcender fronteiras linguísticas e culturais.

¹ Original: “I took the one less traveled by, / and that has made all the difference”.

Segundo Katherine Robinson (2016), a gênese de “The road not taken” seria uma brincadeira que Frost teria feito para provocar o amigo e também poeta Edward Thomas², que tinha uma personalidade cronicamente indecisa e, com frequência, lastimava suas escolhas, convencido de que deveria ter tomado outro rumo. Embora Frost tenha dito que fez o melhor para deixar claras as intenções lúdicas, o amigo teria levado o poema muito a sério — e não foi só ele. O resultado desse poema-piada é um texto intrinsecamente ambíguo, que abriga múltiplos significados sem jamais permitir que uma interpretação suplante a outra, ainda que apresente o dilema da escolha como algo inevitável.

As folhas amarelas evocam a transitoriedade das estações, prefigurando o momento crucial da divergência no caminho. Hesitante, por um breve momento o narrador contempla a possibilidade de percorrer ambas as veredas ao mesmo tempo, mas a fantasia do sincronismo logo é interrompida pelo pragmatismo do “eu” indivisível. Mais adiante no texto, em um novo devaneio, o narrador declara ter escolhido o caminho menos percorrido, justificando que este lhe pareceu mais gramado e verdejante. No entanto, quase imediatamente se retrata, constatando que, na verdade, ambos os caminhos estavam igualmente intocados e cobertos de folhas amarelas recém-caídas.

O crítico William H. Pritchard (1984) sugere que o narrador parece estar admitindo que optar por um caminho ou outro é, em grande medida, uma questão de impulso, algo “impossível de expressar com clareza, a não ser dizendo que o caminho escolhido tinha ‘talvez maior apelo’”³. Nesse sentido, mais do que uma reflexão sobre o ato de escolher, o poema se revelaria uma análise sobre as explicações que inventamos para embasar decisões supostamente deliberadas, mas que muitas vezes são intuitivas e impulsivas. Afirmar que nossas decisões são pautadas por escolhas ponderadas e racionais é muito reconfortante e socialmente valorizado, pois reforça a ideia de que conduzimos nossas vidas com prudência e sabedoria. No entanto, o que o poema parece sugerir é que tais justificativas são meras construções mentais e, no caso do narrador, feitas *a posteriori*, a partir de memórias.

Costuma-se esquecer (ou não perceber) que os caminhos se estendem de forma igual, de modo que, em vez de uma ode à agência individual, temos uma meditação

² Edward Thomas começou a escrever poesia por incentivo de Frost, que residiu por quatro anos na Inglaterra. Reconhecido por suas descrições líricas da vida rural e por captar as inquietações da modernidade, Thomas foi também um crítico ferrenho da Primeira Guerra Mundial, conflito que o vitimou durante a Batalha de Arras (França), em 1917. Sua produção poética, embora concentrada entre 1914 e 1917, tornou-se influência decisiva para poetas como W. H. Auden e Ted Hughes. Aclamado por figuras como Walter de la Mare e Seamus Heaney, Thomas consagrou-se como um dos principais nomes da poesia inglesa do século XX.

³ Original: “impossible to speak about any more clearly than to say that the road taken had ‘perhaps the better claim’”.

sutilmente irônica sobre como transformamos nossa perplexidade diante dos acontecimentos em narrativas coerentes. Mais do que os eventos em si, o ato de atribuir valores vai definir nossa experiência do passado quando já não é mais possível voltar. “Ah, deixei o primeiro para outro dia!”⁴, diz o narrador, expressando a intenção de que poderia retornar e trilhar o caminho não percorrido em outro momento. Porém, a autoilusão logo se desfaz, quando reconhece que “Sabendo que um caminho leva a outro, / duvidei se algum dia voltaria”⁵. Tais versos mostram como frequentemente tentamos suavizar o peso de uma escolha, dizendo a nós mesmos que as opções ainda estarão lá — embora saibamos que o tempo e as consequências tornam isso improvável. O narrador de Frost sabe que regressar é impossível, e por isso abdica do autoengano.

Esses trechos menos lembrados marcam outra camada de leitura do poema, na qual o narrador passa da descrição do bosque para uma dicção mais contemplativa e elaborada. Essa mudança tonal contém um vaivém no processo de pensamento do narrador, representando a indecisão que se manifesta na forma de uma sintaxe mais evasiva e de difícil apreensão, mas que também revela o lado mais lúdico do poema. Afinal, se não encararmos o poema como uma metáfora da vida, repleto de dramaticidade sobre o conceito de escolha, e sim como um simples passeio pelo bosque, qualquer que seja a vereda escolhida, o narrador provavelmente desfrutará de uma caminhada agradável entre as folhas douradas de outono.

O argumento aqui é que o poema não entrega um significado emocional pronto, mas abre espaço às possibilidades que toda escolha carrega. Seu trunfo é percorrer potenciais trajetórias emocionais enquanto se mantém coerente com uma única declaração: a autojustificação não passa de uma mera invenção tardia. Não é possível dizer, definitivamente, se o narrador está satisfeito com sua escolha, pois o suspiro que dá pode ser tanto de contentamento quanto de pesar — ou até de cansaço. E mesmo quando diz que a decisão tomada “fez toda a diferença”, não explica se a escolha foi gloriosa ou decepcionante — ou nenhuma das duas coisas, foi apenas uma decisão tomada. O que fica claro é que o ato de escolher desfaz as ilusões de simultaneidade, entretanto, na linguagem da poesia, os resultados possíveis de cada decisão coexistem e podemos nos tornar viajantes percorrendo caminhos infinitos e divergentes, experimentando significados múltiplos ao mesmo tempo.

⁴ Original: “Oh, I kept the first for another day!”.

⁵ Original: “Yet knowing how way leads on to way, / I doubted if I should ever come back”.

Caminhos bifurcados: Robert Frost nos Estados Unidos e no Brasil

Robert Frost é um dos poetas mais celebrados da literatura estadunidense do século XX, personificando uma imagem idealizada de sabedoria rural e de nostalgia por uma vida de autossuficiência, simplicidade e virtude campestre. Embora sua reputação seja historicamente consagrada por inúmeros títulos honorários, críticos ainda debatem se esse reconhecimento deriva de seu talento poético ou de uma habilidosa construção de sua persona pública.

Um estudo mais aprofundado de sua poética aparentemente simples revela uma notável precisão técnica e densidade filosófica que elevou a oralidade do inglês estadunidense ao *status* literário e transformou paisagens rurais em reflexões sobre a experiência humana. Em contraste ao idealismo bucólico de Wordsworth e Emerson, que viam a natureza como uma força transcendente, Frost subverte a tradição romântica da natureza ao retratá-la como indiferente, quando não hostil. Assim, embora enraizada no tradicional, sua obra revela um modernismo peculiar, capaz de redefinir a poesia pastoral sem romper suas origens (Kern, 1988).

Frost foi, antes de tudo, um poeta do som, do ritmo e do tom. Seu domínio da linguagem e da forma se manifesta na musicalidade vernacular e no coloquialismo de suas escolhas poéticas. Essa marca singular lhe conferiu reconhecimento entre o público geral, tornando-o uma das raras figuras do meio literário que alcançou verdadeira popularidade. Ele se deleitava com o caráter performático da poesia, pois compreendia que os poemas precisavam ser *ditos*, não apenas lidos. Essa concepção do *dizer* manifestou-se de forma emblemática quando recitou o poema “The Gift Outright” na posse presidencial de J. F. Kennedy, em 1961, evento que não apenas marcou o imaginário literário dos Estados Unidos, como também foi a primeira vez na história do país que um poeta participou da cerimônia.

Apesar de nascido na cidade de San Francisco, Califórnia, em 1874, Frost se tornou famoso como poeta representante do meio rural da Nova Inglaterra — são dois polos distintos da identidade estadunidense, com diferenças marcantes em aspectos geográficos e culturais. Essa imagem de *farmer-poet* surge da mudança de sua família para Lawrence, Massachusetts, em 1884, após a morte do pai, em um retorno simbólico às origens paternas. Nesse período, Frost recebe uma formação intelectual com ênfase em línguas e literaturas clássicas, além de um contato aprofundado com a tradição literária de língua inglesa. Esses dois repertórios se entrelaçariam, mais tarde, à sua vivência no campo, moldando os temas e a dicção singular de sua poesia.

Embora já escrevesse poesia desde a juventude, o reconhecimento crítico só chegou tardiamente. Antes de 1912, Frost enfrentou sucessivas recusas por parte das principais revistas literárias da época. Seus primeiros poemas foram publicados somente em edições autofinanciadas e de tiragem reduzida. Em busca de melhores perspectivas profissionais, decide mudar de país e, em setembro de 1912, viaja para Beaconsfield, cidade ao noroeste de Londres, onde seu percurso começa a se transformar. Lá, publica suas duas primeiras coletâneas: *A Boy's Will* (1913) e *North of Boston* (1914), ambas centradas em temáticas relacionadas à Nova Inglaterra. As obras foram recebidas com entusiasmo pela crítica em ambos os lados do Atlântico, com elogios de figuras como Ezra Pound, William Carlos Williams e outros contemporâneos. A partir daí, Frost consolidaria sua reputação como poeta de dicção simples e natural, afinado à representação da vida cotidiana no interior da Nova Inglaterra.

A publicação das coletâneas poéticas *New Hampshire* (1923), *Collected Poems* (1930), *A Further Range* (1936) e *A Witness Tree* (1942) rendeu a Frost quatro prêmios Pulitzer de poesia, consolidando sua posição no cânone literário estadunidense. Entretanto, apesar desse êxito, sua recepção crítica no mundo anglófono nem sempre foi unânime. A aparente falta de experimentação formal tem sido, desde então, uma das objeções mais recorrentes à sua obra. Críticos como Yvor Winters (1962), por exemplo, apontaram o esforço de Frost em manter sua poesia próxima à linguagem coloquial como um sinal de limitação estilística, interpretando essa escolha como um empobrecimento do potencial formal da escrita poética.

Tal interpretação crítica costuma se dar em comparação com os poetas modernistas da época, como Ezra Pound, e. e. cummings, Wallace Stevens, T. S. Eliot e Gertrude Stein, cuja produção se distinguia por rupturas sintáticas, experimentações tipográficas e colagens intertextuais, em uma busca deliberada pela renovação da linguagem poética. Embora compartilhasse com os modernistas a inquietação diante da condição humana, Frost optava por métricas regulares, rimas discretas e estruturas mais convencionais. No entanto, aquilo que à primeira vista parece ser simples é, na verdade, resultado de um trabalho meticuloso. Sua originalidade reside justamente nessa contenção técnica e prosódia convencional, que tensionam o tom aparentemente despojado com a densidade reflexiva de seus temas. Tal domínio magistral da forma e do significado caracteriza Frost como alguém que operava às margens da vanguarda, em uma relação ambígua com o movimento modernista.

Além disso, como observa Robert Faggen (2001), as controvérsias em torno da biografia de Frost dominaram os debates críticos acerca do poeta, por vezes mais do que a análise de sua obra. Inicialmente isso aconteceu de forma detrimental, como nos três volumes publicados por Lawrance Thompson (1966), que o retrataram como um grande poeta, porém megalomaniaco e cruel. Posteriormente, William Pritchard (1984) confrontou diretamente os argumentos de Thompson, problematizando a tendência de interpretar a obra de Frost à luz de sua vida pessoal.

Apesar da fama de Frost como figura pública e das polêmicas sobre sua vida, os estudos críticos dedicados exclusivamente à sua obra começaram a surgir somente a partir da década de 1960. Entre os marcos iniciais, destacam-se *The Poetry of Robert Frost: Constellations of Intention* (1963), de Reuben Brower, e *The Pastoral Art of Robert Frost* (1964), de John Lyden. Essa renovação crítica ganhou novo impulso na década de 1990, com abordagens que ampliaram as possibilidades interpretativas: em *Robert Frost and a Poetics of Appetite* (1994), Katherine Kearns propõe uma leitura sob a ótica de gênero; já em *The Ordeal of Robert Frost* (1997), Mark Richardson examina a tensão entre a construção imaginativa interna do poeta e a necessidade de conformidade com sua imagem pública.

Inicia-se, assim, um processo de distanciamento em relação à crítica tradicional, que reduzia Frost à figura do poeta-fazendeiro de linguagem coloquial. Essa tendência se mantém ao longo da primeira década dos anos 2000, com obras como *Going by Contraries* (2002), de Robert Bernard Hass, que investiga a presença da ciência e da especulação filosófica na construção poética do autor. Esse movimento se intensifica com a disponibilização de materiais até então inéditos, culminando na coletânea *The Notebooks of Robert Frost* (Faggen, 2007), publicada pela Harvard University Press, e o volume *Robert Frost in Context* (Richardson, 2014), publicado pela Cambridge University Press, que oferecem um mergulho no processo criativo do autor, ampliando as possibilidades interpretativas de sua poesia.

No Brasil, a crítica passou a tomar conhecimento da obra de Frost principalmente com sua vinda ao país, em 1954, para participar do Congresso Internacional de Escritores. Antes disso, apenas referências esparsas ao poeta podiam ser encontradas nos escritos de intelectuais brasileiros. Nessa ocasião, Otto Maria Carpeaux, um dos principais críticos literários do período, comparou Robert Frost a William Faulkner, classificando o primeiro como um ilustre desconhecido, um poeta popular nos Estados Unidos, mas quase incógnito fora de seu contexto nacional — enquanto Faulkner seria o autor dos

intelectuais, com projeção internacional. Ainda assim, Carpeaux reconhece e valoriza a poesia de Frost, destacando-o como um poeta dotado de um admirável e rigoroso senso de ordem (Moreira, 1995).

Apesar desse reconhecimento honorável por um dos críticos mais importantes do Brasil há mais de setenta anos, a obra de Frost permanece, ainda hoje, em estado de quase invisibilidade no país. A tradução de sua poesia continua sendo realizada de forma dispersa, em geral restrita à publicação isolada de poemas em coletâneas, eventualmente em teses e dissertações, ou ainda em postagens de *blogs* literários. Ainda que pontuais, o meio acadêmico é o espaço onde algumas das traduções e análises mais relevantes da obra de Frost vêm sendo desenvolvidas, como no artigo de Lucia Beatriz Pitanguy Sampaio e Maria Inês Garcia de Freitas Bittencourt (2016), que aborda a poesia de Frost a partir de uma perspectiva psicanalítica, ou no trabalho de Davi Gonçalves e Jade Cristine Dantas Fonseca (2023), que explora dois de seus poemas sob a ótica da ecocrítica.

No meio editorial brasileiro, apesar de algumas iniciativas pontuais, a lacuna relativa à obra de Robert Frost permanece, lamentavelmente, inalterada. A tradutora Denise Bottmann, em entrevista à *Folha de S. Paulo*, já apontava para a carência de traduções e publicações que possam promover a difusão do poeta no meio literário nacional (Pires, 2014). Diante desse cenário, as traduções do poema “The road not taken” apresentadas neste volume adquirem especial relevância ao contribuírem para ampliar a visibilidade de um autor que é central no cânone literário estadunidense e para compreender o modernismo.

Sobre a origem dessa coletânea

A concepção desta coletânea, que tem como predecessores “O Corvo”, de Edgar Allan Poe, e “A balada do velho marinheiro”, de Samuel Taylor Coleridge, nasceu de um experimento pedagógico — prova de como a prática em sala de aula pode gerar projetos inovadores. Ao estudarmos o poema de Frost na disciplina LLE7474 — *Laboratório de Tradução* e propormos que os estudantes desenvolvessem suas próprias soluções tradutórias, deparamo-nos com uma lacuna crítica: a escassez de traduções que sustentassem análises comparativas consistentes, sobretudo em língua portuguesa.

Essa constatação inspirou a concepção do presente volume, que reúne em sua maioria versões inéditas, empenhadas em captar tanto a precisão linguística quanto a densidade poética dos versos frostianos.

As quinze traduções aqui reunidas, todas distintas entre si, demonstram que não há duas leituras iguais: quem lê o faz segundo a sua experiência e sensibilidade particulares. Além do prazer de acompanhar o poema em diferentes idiomas, os leitores podem apreciar as complexidades e os desafios inerentes à tradução poética comparando versões, explorando palavras desconhecidas em línguas que talvez não dominem, observando as particularidades da pontuação e dos sinais gráficos, ou analisando as opções e soluções encontradas pelos tradutores para apreender a essência de “The road not taken”.

A estrutura da coletânea reflete seu caráter multilíngue e seus propósitos pedagógicos. O poema original em inglês é seguido por traduções agrupadas em blocos linguísticos: francês, alemão, espanhol, italiano e, por fim, português — línguas faladas e ensinadas no Departamento de Língua e Literatura Estrangeiras da Universidade Federal de Santa Catarina (DLLE/UFSC). Cada uma dessas traduções representa tanto a criatividade de Frost quanto a sensibilidade artística dos tradutores e das tradutoras que se aventuraram a recriar o poema em suas respectivas línguas.

Buscamos equilibrar a participação de tradutores e tradutoras no projeto e a realização do volume só foi possível graças ao esforço coletivo desses colegas, a quem registramos nossa gratidão: Alain Bosquet, Andrea Espada Vadillo, Andrea Santurbano, Claude Neuman, Claudia Borges de Faveri, Gisele Tyba Mayrink Orgado, Klaus F. W. Eggenesperger, Marika Avezzi, Markus J. Weininger, Martha Lucía Pulido Correa, Meritxell Hernando Marsal, Monique Pfau, Sergio Romanelli, Walter A. Aue e Walter Carlos Costa. Seus olhares plurais sobre o poema enriquecem esta antologia, comprovando que toda leitura constitui um ato de recriação.

Cada versão estabelece um pacto singular entre o poema frostiano e as possibilidades expressivas da língua-alvo, confirmando que não há interpretações idênticas, apenas caminhos paralelos que, como no texto-fonte, divergem em nuances sensíveis. Essa multiplicidade interpretativa espelha o caráter polissêmico da poesia de Frost, na qual a aparente simplicidade formal encobre densas camadas de significação. Agradecemos também ao conselho editorial, cuja colaboração foi essencial para a concretização deste volume.

Convidamos o leitor a trilhar esses múltiplos caminhos da linguagem. Ao comparar versões, cotejar soluções tradutórias e decifrar escolhas lexicais, revela-se o laboratório vivo da tradução poética. Que esta jornada multilíngue seja uma oportunidade não apenas para percorrer os versos de Frost, mas também para uma imersão nos próprios mecanismos da criação literária, que se reinventa incessantemente através das línguas.

Referências

- BROWER, Reuben Arthur. *The poetry of Robert Frost: constellations of intention*. New York: Oxford University Press, 1963.
- FAGGEN, Robert (ed.). *The Cambridge companion to Robert Frost*. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.
- FAGGEN, Robert (ed.). *The notebooks of Robert Frost*. Harvard University Press, 2007.
- FROST, Robert. *Complete works of Robert Frost: collection of poems, prose & plays*. Delhi: Grapevine, 2025.
- GONÇALVES, Davi; FONSECA, Jade Cristine Dantas. “And miles to go before I sleep”: uma análise ecocrítica de dois poemas de Robert Frost. *Paraguacu*, Amargosa/BA, v. 1, n. 2, p. 126-146, mar. 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/revistaparaguacu/article/view/1980>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- HASS, Robert Bernard. *Going by contraries: Robert Frost’s conflict with science*. New York: Oxford University Press, 2002.
- KEARNS, Katherine. *Robert Frost and a poetics of appetite*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.
- KERN, Robert. Frost and Modernism. *American Literature*, Durham, v. 60, n. 1, p. 1-16, mar. 1988.
- LYNEN, John F. *The pastoral art of Robert Frost*. New York: Yale University Press, 1964.
- MOREIRA, Cid Knipel. *Robert Frost: a tradução poética do trabalho e o trabalho da tradução poética*. 1995. 239 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1995.
- ORR, David. *The road not taken, finding America in the poem everyone loves and almost everyone gets wrong*. London: Penguin, 2015.
- PIRES, Francisco Quinteiro. As cartas não mentem: a redenção postal do poeta Robert Frost. *Folha de S. Paulo*, São Paulo, ano 131, 11 maio 2014. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/165305-as-cartas-nao-mentem.shtml>. Acesso em: 4 jul. 2025.
- PRITCHARD, William H. *Frost: a literary life reconsidered*. London/New York: Oxford University Press, 1984.
- RICHARDSON, Mark (ed.). *Robert Frost in context*. New York: Cambridge University Press, 2014.
- RICHARDSON, Mark. *The Ordeal of Robert Frost: the poet and his poetics*. Cambridge, Mass.: Harvard University Press, 1997.
- ROBINSON, Katherine. Robert Frost: “The road not taken”, our choices are made clear in hindsight. *Poetry Foundation*, 2016. Disponível em: <https://www.poetryfoundation.org/articles/68995/robert-frost-the-road-not-taken-our-choices-are-made-clear-in-hindsight>. Acesso em: 5 jan. 2025.
- SAMPAIO, Lucia Beatriz Pitanguy; BITTENCOURT, Maria Inês Garcia de Freitas. Psicanálise e literatura: Thomas Ogden e a poesia de Robert Frost. *Subjetividades*, Fortaleza/CE, v. 16, n. 2, p. 71-81, ago. 2016. Disponível em: <https://ojs.unifor.br/rmes/article/view/5121/pdf>. Acesso em: 3 jul. 2025.
- THOMPSON, Lawrance. *Robert Frost: the early years, 1874-1915*. London: Jonathan Cape Ltd., 1966.
- WINTERS, Yvor. *Forms of Discovery: critical and historical essays on the forms of the short poem in English*. Chicago: Alan Swallow, 1962.